



A LITERATURA COMO BRINQUEDO E A FORMAÇÃO DA CRIANÇA-LEITORA

Catarina Xavier Gonçalves Martins¹

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – MG
Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora – MG
Brasil

Resumo

Neste ensaio, pretendemos discutir a importância da criança leitora na contemporaneidade. Embora já se tenha discutido com afinco a importância do ato de ler e sobre a carência ou ausência de leitura numa sociedade letrada, consideramos que pesquisas que abordam a temática leitura na infância ainda sejam necessárias, uma vez que vivemos em uma sociedade cada vez mais exigente no que se refere ao desempenho do leitor. No cotidiano, as crianças da atualidade, com os avanços tecnológicos, convivem com diferentes imagens que circulam na sociedade, sendo através da linguagem que o homem se reconhece como humano. Por isso a importância da leitura literária na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: formação leitora; livros; crianças; escola.

LUDIC LITERATURE AND THE FORMATION OF THE CHILD READER

Abstract

In this essay we discuss the importance of the child reader nowadays. Although the importance of the act of reading in the lives of human beings has already been largely discussed, we believe that research related to the thematic reading in childhood is still necessary, for we live in a society that is more and more demanding when the performance of the reader is concerned. In everyday life, as a result of the current technological advancements, children live with different images that circulate within society, as it is through the language that the man recognizes himself as human being, hence the importance of literary reading in kindergarten and in the early years of elementary school.

Key words: reader formation; books; children; school.

¹ Mestranda em Literatura Infanto-juvenil Brasileira, pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES). Graduada em pedagogia. Coordenadora pedagógica e professora da Rede Municipal de Juiz de Fora. E-mail: catarinaxgmartins@hotmail.com

A LITERATURA COMO BRINQUEDO E A FORMAÇÃO DA CRIANÇA-LEITORA

Introdução

Muitos são os autores que discorrem sobre o assunto, valorizando a figura do leitor. Entre eles, para compreender a influência da literatura na sociedade e da sociedade na literatura, buscamos suporte em Bakhtin (2000, 2004), teórico da filosofia da linguagem; no filósofo alemão Benjamin (2008); no teórico social da linguagem Vygotsky (1987) e nos críticos literários Barthes (2002), Lajolo (2001, 2008), Zilberman (1985) e nas pesquisadoras Bordini e Aguiar (1988).

A leitura é uma prática social que envolve atitudes, gestos e habilidades que são praticados pelo leitor, tanto no ato da leitura propriamente dito, como no que antecede a leitura e no que decorre dela. Ao pesquisarmos sobre a formação de leitores, entendemos que as crianças de hoje, desde cedo, convivem com a língua oral e escrita em diferentes situações com os adultos, através de mídias e diversos gêneros textuais. Elas são intensamente mediadas pelo texto escrito que circula na sociedade. Vivenciando variadas situações, as crianças aprendem a falar muito cedo e, quando chegam à escola, já conseguem interagir com a língua.

Bakhtin e Volochinov (2004) afirmam que, estando presente em todos os atos de compreensão, a palavra é de natureza psíquica, ideológica e sociológica por excelência, sendo, pois, necessária uma filosofia do signo² que possibilite operar a delimitação entre essas fronteiras. Segundo os autores, “todo signo é social por natureza, tanto o exterior quanto o interior”. Por essa razão, de acordo com os teóricos, toda enunciação³ é determinada, ao mesmo tempo, tanto pelo contexto social imediato, quanto pelo contexto social mais amplo, não havendo, portanto, expressão verbal que não seja socialmente dirigida. E, sendo a enunciação o produto da interação verbal entre os indivíduos, é esse fenômeno social que constitui a realidade fundamental da língua (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2004, p. 58).

Os autores consideram a palavra a ponte entre os indivíduos, porque surge de alguém e se destina para alguém, portanto, o ato da fala é de

² Saussure define o signo como a união do sentido e da imagem acústica. O que ele chama de “sentido” é a mesma coisa que conceito ou ideia, isto é, a representação mental de um objeto ou da realidade social em que nos situamos, representação essa condicionada pela formação sociocultural que nos cerca desde o berço. Significado (plano das ideias), algo como o lado espiritual da palavra, sua contraparte inteligível, em oposição ao significante (plano da expressão), que é sua parte sensível. Por outro lado, a imagem acústica “não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som”. Melhor dizendo, a imagem acústica é o significante. Com isso, temos que o signo linguístico é “uma entidade psíquica de duas faces” semelhante a uma moeda (CARVALHO, 2003, p. 80).

³ As enunciações podem ser de duas espécies: podem servir para informar a respeito do vivido ou então para exprimi-lo diretamente. Há ainda a possibilidade de variações intermediárias. (BAKHTIN, 2004, p. 60).

natureza social, sendo determinada pelo meio social mais amplo. No nosso caso específico, a literatura é, pois, de natureza social. Ao estabelecermos ligação entre palavra, fala e leitura, baseamo-nos nas ideias de Bakhtin e Volochinov (2004):

O livro, isto é, o ato da fala impresso, constitui igualmente um elemento da comunicação verbal. Ele é objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo e, além disso, é feito para ser apreendido de maneira ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado no quadro do discurso interior, sem contar as reações impressas, institucionalizadas, que se encontram nas diferentes esferas de comunicação. O livro decorre portanto da situação particular de um problema científico ou de um estilo de produção literária. Assim, o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2004, p.123).

De acordo com os autores, ao estabelecer ligação entre palavra, fala e leitura, o livro é uma comunicação verbal e dialógica com o leitor através da mensagem deixada em cada obra. Como já mencionamos que todo signo é social, acreditamos na importância da inclusão da literatura infantil como um recurso pedagógico utilizado na alfabetização/letramento, isto é, para Soares (1998) “Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário. Alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita” (SOARES, 1998, p. 47).

O professor, ao envolver as crianças dos anos iniciais nesse processo de ensinar e aprender a ler com literatura, acaba gerando, assim, relações de ensino-aprendizagem e, ao mesmo tempo, incentiva o hábito de leitura literária. A literatura também tem o poder de dialogar com as crianças, levantando questões relacionadas à identidade e à formação da consciência ética e crítica do leitor.

Ao pensarmos em literatura infantil e ideologia, língua, logo imaginamos a relação da criança leitora com o brinquedo. É importante ressaltar que a criança aprende a ler e a brincar nas relações que ela estabelece com os outros, pois as brincadeiras de imaginação/fantasia envolvem múltiplas aprendizagens. Segundo Benjamin (2008), a criança vê seu universo projetado, sendo capaz de tratar a palavra como um brinquedo, logo cria um universo de sonho e realidade, de maneira natural, pois a imaginação da criança, por si só, já é fantasiosa. Para ela, a repetição é a essência da brincadeira, nada lhe dá tanto prazer como “brincar outra vez”. De acordo com as ideias de Benjamin (2008), a aproximação da criança com os livros deve acontecer desde cedo como nos brinquedos: ver, tocar... Primeiramente, uma relação lúdica de brincadeira: a criança precisa sentir e gostar do livro como gosta de um brinquedo. Depois, a relação se estreita pela experiência que ela vai adquirir com o livro. Por isso, é muito importante o uso dos livros na primeira infância, seja em casa com a família, seja na escola, seja na biblioteca, seja na livraria. Os livros devem ser oferecidos de forma natural,



como os brinquedos. Alguns livros são fabricados como brinquedos, como os livros com fantoches, pano e plástico.

Para Benjamin (2008, p. 253):

Pois é na brincadeira, e nada mais, que está na origem de todos os hábitos. Comer, dormir, lavar-se, folhear livros, devem ser inculcados no pequeno ser através de brincadeiras, acompanhados pelo ritmo e canções. É da brincadeira que nasce o hábito, e mesmo em sua forma mais rígida o hábito conserva até o fim alguns resíduos da brincadeira... Um poeta contemporâneo disse que para cada homem existe uma imagem que faz o mundo inteiro desaparecer; para quantas pessoas essa imagem não surge de uma velha caixa de brinquedos e livros?

E é justamente com Benjamin (2008) que podemos associar essa relação da leitura com o brinquedo. As crianças se desenvolvem e aprendem com essas brincadeiras, vão se interessando pelas imagens, passando o livro a ser um objeto querido. A leitura vai entrando lenta e naturalmente em sua vida, permitindo cada vez mais partilhar e opinar com o que lê e com o que escuta, como podemos exemplificar com livros sonoros e dobráveis. O livro começa a fazer parte do mundo das crianças, assim como os brinquedos. Para Benjamin (2008, p. 248), “o brinquedo infantil não atesta a existência de uma vida autônoma e segregada, mas é um diálogo mudo, baseado em signos entre a criança e o mundo”.

Uma das necessidades fundamentais da criança é dar sentido ao mundo e a si mesma. Nesse sentido, o livro, seja informativo ou ficcional, permanece como veículo primordial para esse diálogo com o leitor. Todos os livros favorecem a descoberta de sentidos, mas são os literários que o fazem de modo mais abrangente. Os livros podem ser comparados aos retalhos e tijolos que vão construir a formação da criança, podem abrir muitas portas, melhorando o processo ensino-aprendizagem, abrindo caminhos, podem ser muitas coisas na fantasia infantil.

Benjamin (2008, p. 253) acrescenta à característica também de “imitação do jogo” a “capacidade de formação de hábitos, considerando que sua essência “não é um fazer como se”, mas “um fazer sempre de novo”, é a transformação da experiência mais comóvente em hábito”. Segundo Marta Kohl de Oliveira, para Vygotsky, “a imitação não é mera cópia de um modelo, mas reconstrução individual daquilo que é observado nos outros” (OLIVEIRA, 1995, p. 63). Nessa ação de imitar atos de leitura, a criança não está simplesmente copiando modelos, já que a imitação possibilita a realização de ações que contribuem para o seu desenvolvimento e aprendizado (OLIVEIRA, 1995). Já para Benjamin (2008), todo hábito entra na vida como um jogo que, por mobilizar emoções e inspirar prazer⁴, exige repetição contínua e renovada. Por

⁴ Prazer do texto é isto: o valor passado ao grau suntuoso de significante (BARTHES, 2002, p. 77).

essas vias, chega-se, por certo, ao hábito da leitura literária, que permite a multiplicação do prazer, através da experiência sempre recomeçada de viver os sentidos do mundo em cada texto percorrido.

De acordo com as pesquisadoras Bordini e Aguiar (1988, p. 14), o texto literário “se vale da imitação geral constituída pelos símbolos linguísticos, e atinge, sem dúvida, um plano de significado igualmente universal - através, porém, de uma reprodução esmerada do concreto e particular”. A obra literária pode ser entendida como uma tomada de consciência do mundo real que se aponta pelo sentido humano dado a esse mundo pelo autor. Envolve espaços que são automaticamente atestados pelo leitor de acordo com sua compreensão (BORDINI e AGUIAR, 1988).

O gostar de ler e interessar-se pela leitura são construídos por algumas crianças, no espaço familiar e em outras esferas de convivência em que a escrita circula. Mas, para outras, é, sobretudo na escola, que esse gosto deve ser incentivado. Para isso, é importante que as crianças percebam a leitura como um ato prazeroso e necessário, tendo os adultos como referência, pois aquilo que o educador faz é sempre o maior exemplo para a criança. Nessa perspectiva, não é necessário que a criança esteja na escola e alfabetizada para realizar a leitura de obras literárias. É fundamental que a criança vivencie atos de leitura por parte dos adultos, manuseie livros e pratique, ela mesma, tentativas de leitura. Por isso, o espaço da sala de aula deve ser um espaço de formação de leitores, com muitas leituras. Leituras das crianças, dos professores, de vários autores e com várias intenções. Elas necessitam ter bons textos para compreenderem a literatura como um meio de pensar a ficção e a realidade.

A instituição escolar é um lugar privilegiado para estimular o gosto e o prazer da leitura. O professor da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental deve tornar-se mediador desse processo. A literatura infantil ocupa um lugar importantíssimo na vida da criança para o sucesso de todo o processo de ensino-aprendizagem, possibilitando, ainda, que se faça melhorar a qualidade de educação tão comentada na atualidade, já que a leitura tem o poder de formar o cidadão capaz de ler, escrever e criticar.

Segundo Zilberman (1985), formar o leitor crítico é uma atribuição do professor, e, nessa tarefa, a literatura realiza uma função formadora que não se confunde com missão pedagógica. Nesse sentido, a obra que apresenta qualidade literária, que leva o leitor a tomar consciência do real, a posicionar-se perante a vida, a perceber os temas e os tipos humanos presentes na trama ficcional, a conviver com realidades, frutos do imaginário, permite amplas possibilidades de romper a subserviência da arte em sua relação com a educação. A autora afirma:

Trata-se, pois, mais uma vez de dar relevo à função formadora da leitura, pois seu desenvolvimento incrementa no leitor a capacidade de compreender o mundo e investigá-lo, e de, ao mesmo tempo, por em tela de juízo o comportamento que promove obras e as considera boas, porque transmitem valores socialmente úteis. (ZILBERMAN, 1985, p. 30)

Segundo a autora, a literatura, além de dar prazer, transmite mensagens éticas para a vida do leitor. Nas palavras de Bordini e Aguiar (1988):

À medida que a criança lê uma obra literária, vai construindo imagens que se interligam e se completam - e também se modificam - apoiada nas pistas verbais fornecidas pelo escritor e nos conteúdos de sua consciência, não só intelectuais, mas também emocionais e volitivos, que sua experiência vital determinou. (BORDINI e AGUIAR, 1988, p. 17)

As crianças, à medida que vão lendo, vão melhorando a leitura e aumentando a capacidade de compreensão e interpretação da mensagem deixada pelo escritor em cada texto. As obras literárias permitem ir além do que a escola propõe. Como comenta a crítica Lajolo (2001, p. 45): “[...] a literatura é porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem”. Por isso, tudo que lemos nos marca e permanece incorporado. Segundo a autora:

Do mundo da leitura a leitura do mundo, o trajeto se cumpre sempre, refazendo-se, inclusive, por um vice-versa que transforma a leitura em prática circular e infinita. Como fonte de prazer e de sabedoria, a leitura não esgota seu poder de sedução nos estreitos círculos da escola. (LAJOLO, 2008, p. 7)

De acordo com Machado (2002), não há uma ética da leitura. A superação pessoal da mente e do espírito de cada um já constitui, por si só, um projeto e tanto. Não é preciso transformar a leitura num ato utilitário ou numa ferramenta de ativismo. Leitores que melhorem a si mesmos já estarão melhorando o país e o mundo. Não precisam cair no fundamentalismo de sair por aí querendo converter os outros, suas leituras ou suas opiniões. Isso é feito com toda a bagagem leitora que cada novo leitor traz a esse encontro com o autor (MACHADO, 2002, p. 100). Além disso, a autora estabelece com o leitor em suas obras, uma relação de valorização das identidades das crianças-leitoras.

Ao estabelecer a possível relação entre literatura/leitura e prazer, Barthes (2002), em seu livro “O prazer do texto”, apresenta uma orientação bastante contrastante da leitura ao focar os significados sucintos numa aposta livre de palavras, que propõe desfazer as normas de pensamentos repressivos da linguagem. Barthes compara a leitura a um laboratório, a uma bênção, a um orgasmo. Para o autor, a literatura é uma mensagem significativa para o leitor. Da mesma forma, através da leitura, a criança adquire uma postura crítico-reflexiva, extremamente relevante à sua formação leitora. Barthes (2002) enfatiza o jogo que se estabelece entre o texto e o leitor e sua duplicidade:

Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura.

Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta, faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem. (BARTHES, 2002, p.20).

Vista dessa maneira, a leitura reveste-se de um poder abundante e adota uma importância na ação educativa. A literatura infantil emprega o poder do discurso junto ao discurso do prazer. A literatura forma e altera a maneira de pensar, sem a obrigação de somente ensinar valores e ideologias. No entanto, seu papel principal é o entretenimento, mas, ao entreter e divertir, também educa, faz adquirir compreensões e aponta, muitas vezes, maneiras diferentes de compreender o mundo. O discurso literário aproxima a formação do sujeito-leitor exatamente por criar um ambiente sem compromisso, em que a realidade é abordada, sem, no entanto, o compromisso de lhe ser fiel.

Hoje, com a democratização do ensino, a literatura infanto-juvenil é mais acessível nas instituições escolares, com vários programas de incentivo à leitura. Temos como exemplos: Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE); Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ); Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), entre outros.

A leitura deve ser vista como um bem cultural que deve estar disponível para qualquer criança. Reconhecendo ou não o caráter pedagógico da literatura, os teóricos citados anteriormente depositam nela uma expectativa muito positiva, além de destacarem, insistentemente, sua importância no contexto escolar. Para eles, a literatura ainda possibilita que os valores e os papéis sociais sejam ressignificados, influenciando a construção de identidades. Nesse sentido, o papel da escola e da família é fundamental nessa tarefa de formar crianças - leitoras.

Conclusão:

A leitura como prática social deve ser ensinada para o leitor-criança inicialmente como brinquedo. Acreditamos que este ensino precisa acontecer em situações prazerosas e significativas, de modo que o aprendiz possa reconhecer a leitura como uma atividade lúdica e social, que permite a sua atuação no cotidiano e sua inserção no mundo letrado.

Acreditamos também que a leitura é uma atividade capaz de mudar o indivíduo e suas relações com o mundo, favorecendo a possibilidade de transformações coletivas. Enfatizamos por outro lado, que para que haja gosto e prazer no ato da leitura são necessárias mudanças de paradigmas em relação ao assunto, por parte dos educadores, pois eles são os mediadores da leitura na escola.



Referências:

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 3a. ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo, Hucitec, 2004.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 3ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas. 11ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor**. Alternativas Metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- CARVALHO, Castelar. **Para compreender Saussure**. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores & leitura**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2001.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 13ª. ed. São Paulo: Atica, 2008.
- MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os Clássicos Universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizagem e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. 3ª ed. São Paulo: Scipione, 1995.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 4ª ed. São Paulo, Global, 1985.

Enviado em: 03/09/2011

Aceito em: 29/05/2012